

ROBERT WALSER

Jakob von Gunten

Um diário

Tradução

Sergio Tellaroli



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © desta edição by Suhrkamp Verlag Zürich 1978 e 1985

Edição autorizada pelo detentor de direitos, Fundação Robert Walser, Zurique.

Esta tradução contou com o apoio da Swiss Arts Council Pro Helvetia

fundação suíça para a cultura

prohelvetia

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Jakob von Gunten

Capa

Victor Burton

Imagem de capa

Fotografia de Dirk Ingo Franke

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Huendel Viana

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Walser, Robert, 1878-1956.

Jakob von Gunten : um diário / Robert Walser ; tradução Sergio Tellaroli. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Jakob von Gunten.

ISBN 978-85-359-1820-5

1. Romance alemão I. Título.

11-01503

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura alemã 833

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Aqui se aprende muito pouco, faltam professores, e nós, rapazes do Instituto Benjamenta, vamos dar em nada, ou seja, seremos, todos, coisa muito pequena e secundária em nossa vida futura. As aulas a que assistimos visam sobretudo a inculcar-nos paciência e obediência, duas qualidades que ensejam pouco ou mesmo nenhum sucesso. Sucessos interiores, sim. Mas o que se ganha com eles? Conquistas interiores porventura nos dão de comer? Eu gostaria muito de ser rico, andar por aí em caleches e gastar um bocado de dinheiro. Conversei sobre isso com Kraus, meu colega de instituto, mas ele só fez encolher os ombros com desdém, não se dignando dirigir-me sequer uma única palavra. Kraus é possuidor de princípios; firme na sela, cavalga a satisfação, montaria inadequada a quem deseja galopar. Tão logo cheguei aqui, ao Instituto Benjamenta, consegui transformar-me num enigma para mim mesmo. Também a mim contagiou certa satisfação, bastante curiosa e, no meu caso, inédita. Obedeço razoavelmente bem, não tão bem como Kraus, que é mestre em precipitar-se de cabeça ao

encontro das ordens, pronto a servir. Num ponto, nós todos — Kraus, Schacht, Schilinski, Fuchs, o grandão do Peter, eu etc., alunos do Instituto Benjamenta — nos igualamos, a saber: em nossa total pobreza e dependência. Somos pequenos, pequenos até a insignificância. Quem quer que possua uma nota de um marco é já considerado um príncipe favorecido. Quem fuma cigarros, como eu, desperta preocupação em virtude do dinheiro que esbanja. Vestimos uniformes. Usar uniforme é algo que, a um só tempo, nos humilha e enobrece. Parecemos pessoas privadas de liberdade, o que talvez constitua humilhação, mas ficamos bem de uniforme, e isso nos distancia da vergonha profunda dos que andam por aí em trajes mais que próprios e no entanto sujos e esfarrapados. Para mim, por exemplo, vestir uniforme é muito agradável, porque nunca soube ao certo que roupa usar. Também nisso, porém, sou, por enquanto, um enigma para mim mesmo. Talvez abrigue um ser humano bastante vulgar. Ou talvez corra sangue aristocrático em minhas veias. Não sei. De uma coisa tenho certeza: no futuro, o que vou ser é um zero à esquerda, muito redondo e encantador. Na velhice, terei de servir a jovens grosseirões, arrogantes e mal-educados; do contrário, vou precisar mendigar para não perecer.

Na verdade, nós, discípulos ou pupilos, temos muito pouco que fazer, quase não nos dão tarefa nenhuma. Aprendemos de cor as regras que aqui vigem. Ou lemos o livro *O que pretende a Escola Benjamenta para rapazes*. Kraus, além disso, estuda francês por conta própria, porque línguas estrangeiras ou matérias semelhantes não integram nosso currículo. Temos uma única aula, que se repete sem cessar: “Como deve se comportar um rapaz”. No fundo, nossa aula gira em torno

dessa única questão. Conhecimentos, não nos transmitem. Como já disse, faltam professores, isto é, os senhores educadores e professores estão ou dormindo ou mortos; ou parecem estar mortos, ou petrificados — tanto faz, o fato é que não nos ensinam coisa nenhuma. Em lugar dos professores, que, por alguma razão singular, de fato parecem mortos ou cochilam, ensina-nos e nos governa uma jovem dama, a srta. Lisa Benjamenta, irmã do senhor diretor do instituto. Ela adentra a sala de aula trazendo na mão uma varinha branca. À sua chegada, levantamo-nos, e, tão logo ela tenha se acomodado, também nós podemos nos sentar. Peremptoriamente, ela bate com a varinha três vezes seguidas na borda da mesa, e a aula começa. Uma aula e tanto! Mas estaria mentindo se a caracterizasse como esdrúxula. Não, julgo digno de consideração o que a srta. Benjamenta nos ensina. É pouco, e repetimos constantemente o ensinamento, mas talvez haja algum segredo por trás de todas aquelas nulidades risíveis. Risíveis? Nós, alunos do Instituto Benjamenta, nunca sentimos vontade de rir. Nossos semblantes e nossas maneiras revestem-se de grande seriedade. Mesmo Schilinski, que afinal ainda é apenas uma criança, raras vezes ri. Kraus não ri nunca, ou, se levado a tanto, dá apenas uma risadinha, logo enfurecendo-se por ter se deixado levar a produzir som tão inteiramente contrário ao regulamento. De modo geral, não gostamos de rir, isto é, mal somos capazes de fazê-lo. Faltam-nos a alegria e a descontração necessárias. Engano-me? Deus sabe que, por vezes, toda esta minha estada aqui me parece um sonho incompreensível.

O mais jovem e o menor de nós todos, pupilos, é o Heinrich. Diante de uma tal criaturazinha, só se pode sentir uma ternura involuntária, desprovida de todo e qualquer pensa-

mento. Quietamente, ele se posta diante das vitrines dos comerciantes, fervoroso em sua contemplação de mercadorias e guloseimas. Depois, costuma entrar e comprar algum doce de uns poucos centavos. Ainda é de fato uma criança, mas já fala e se comporta como um adulto de boa conduta. Seus cabelos estão sempre irrepreensivelmente repartidos e penteados, o que, em mim, só pode despertar admiração, uma vez que sou bastante desmazelado nesse quesito tão importante. A voz dele é tão fina como o tenro chilrear dos pássaros. Quem passeia ou conversa com ele acaba por abraçá-lo sem nem se aperceber disso. É tão pequeno e, no entanto, sua postura é a de um coronel. Não tem caráter, porque ainda nem sabe o que é isso. Decerto, nunca refletiu sobre a vida, e para quê? É muito bem-comportado, solícito e gentil, sem, contudo, ter consciência disso. Heinrich é mesmo como um passarinho. Tudo nele se revela familiar e acolhedor. Quando ele nos dá a mão, é um pássaro que o faz; um pássaro é que caminha ou se posta daquela maneira. No Heinrich, tudo é inocência, paz e felicidade. Seu desejo, diz ele, é ser mensageiro de hotel. Mas isso, ele o diz sem desfazer-se em suspiros afetados, e, na verdade, o ofício de mensageiro é sem dúvida o mais correto e apropriado para ele. Sua graciosidade de conduta e sentimento anseia por algo, e vejamos: ela se mostra acertada naquilo que almeja. Por que experiências Heinrich passará? Que experiências e que conhecimentos, aliás, ousarão acercar-se desse menino? Não se envergonharão as amargas decepções de afligi-lo, a ele, uma criatura tão delicada? De resto, noto que Heinrich é um pouco frio; não há nada de tempestuoso ou desafiador nele. É mesmo possível que nem se dê conta das muitas e muitas coisas que poderiam abatê-lo, ou que nem sinta tudo aquilo que poderia roubar-lhe a tranquilidade. Quem é que sabe se tenho ou não razão? De todo modo, gosto muitíssimo de fazer

estas observações. Heinrich é, até certo ponto, incompreensível. Essa é sua sorte, uma sorte que cumpre a todos conceder-lhe. Fosse ele um príncipe, eu seria o primeiro a dobrar os joelhos e reverenciá-lo. Pena.

Que tolo foi meu comportamento ao chegar aqui. Indignei-me, antes de mais nada, com a pobreza da escadaria. Trata-se, afinal, da escada de acesso ao instituto, comum, nas cidades grandes, a toda edificação com entrada por um pátio interno. Depois, toquei a campainha, e uma criatura simiesca abriu-me a porta. Era Kraus. Naquele momento, tomei-o simplesmente por um macaco, ao passo que hoje o tenho em alta conta, já em razão da mera singularidade pessoal que o adorna. Perguntei se podia falar com o sr. Benjamenta. Kraus respondeu: “Perfeitamente, meu senhor”, e fez a seguir uma profunda e tola reverência. Já essa reverência me infundiu medo sinistro; de imediato, disse a mim mesmo que alguma coisa estava errada ali. E, a partir de então, passei a ver o Instituto Benjamenta como um engodo. Entrei na sala do diretor. Tenho dificuldade em conter o riso quando me lembro da cena que se seguiu. O sr. Benjamenta perguntou o que eu desejava. Expliquei-lhe timidamente que queria ser seu aluno. Ele, então, silenciou, pondo-se a ler jornais. O escritório, o senhor diretor, o macaco que o precedera, a porta, aquele silêncio e o exame dos jornais — tudo aquilo me pareceu muitíssimo suspeito e ominoso. De repente, perguntaram-me por meu nome e origem. Julguei-me perdido, porque senti de súbito que nunca mais sairia dali. Balbuciei a informação solicitada e ousei até mesmo enfatizar que provinha de ótima família. Entre outras coisas, disse que meu pai era membro do parlamento cantonal e que me afastara dele por receio de ser

sufocado por sua grandeza. De novo, o diretor silenciou por algum tempo. Meu medo de ser ludibriado atingiu seu grau máximo. Aventurei até mesmo a possibilidade de um assassinato secreto, um lento estrangulamento. Foi então que, com voz soberana, o diretor perguntou se eu trazia dinheiro comigo, e respondi que sim. “Então dê aqui. Vamos!”, ordenou ele, e o curioso foi que obedeci de pronto, embora lamentasse profundamente. Já não tinha dúvida de que havia caído nas mãos de um ladrão, de um vigarista, e, no entanto, obediente, paguei a escola. Como me parece ridículo hoje aquilo que senti outrora. Embolsado o dinheiro, fez-se novo silêncio. Muni-me, então, de coragem heroica para, ainda que com timidez, solicitar um recibo, mas obtive apenas a seguinte resposta: “Malandros como você não têm direito a recibo”. Eu estava já à beira de um desmaio, quando o diretor fez soar uma campainha. De imediato, precipitou-se sala adentro o símio tolo, Kraus. Símio tolo? Não, de modo algum. Kraus é uma criatura adorável. Adorável. Faltava-me apenas compreensão suficiente para entender isso na época. “Este é Jakob, o novo aluno. Leve-o para a sala de aula.” Mal o diretor havia dito essas palavras, já Kraus me agarrou e arrastou para a presença da professora. Como se é infantil quando se tem medo. Não há comportamento pior que aquele ditado pela desconfiança e pela ignorância. Assim foi que me tornei pupilo do Instituto Benjamenta.

Schacht, meu colega de escola, é uma criatura estranha. Sonha em tornar-se músico. Conta-me que, graças a seu poder de imaginação, toca violino splendidamente, e, quando contemplo suas mãos, acredito nisso. Ele gosta de rir, mas, depois, mergulha de repente em lânguida melancolia, o que

combina à perfeição tanto com seu semblante como com sua postura corporal. Schacht tem o rosto bem branco e mãos longas e delgadas, expressão de um sofrimento inominado da alma. Embora de constituição frágil, é uma pessoa agitada: é-lhe difícil parar quieto, seja de pé ou sentado. Parece uma menina adoentada e teimosa, além do que se amua com facilidade, o que o faz assemelhar-se ainda mais a uma menininha um tanto mal-educada. Nós, ele e eu, costumamos nos deitar na cama em meu quarto, vestidos, sem tirar os sapatos, para fumar cigarros, o que é contra o regulamento. Schacht gosta de infringi-lo, e meu gosto por tais infrações, falando com franqueza, infelizmente não é menor que o dele. Deitados na cama, contamos histórias inteiras um ao outro, histórias da vida, isto é, de coisas que vivemos de fato, mas gostamos ainda mais de contar histórias inventadas, cujos fatos tiramos do nada. Aí, então, parece que tudo ressoa baixinho à nossa volta, subindo e descendo as paredes. O quarto estreito e escuro se amplia, aparecem ruas, salões, cidades, castelos, pessoas e paisagens desconhecidas; ouvem-se trovões, sussurros, conversas, choro, e assim por diante. É gostoso conversar com esse Schacht sonhador. Ele parece entender tudo que lhe é dito e, de tempos em tempos, diz também coisas importantes. Além do mais, queixa-se com frequência, e isso eu adoro numa conversa. Gosto de ouvir queixas. Porque aí se pode contemplar o interlocutor e sentir sincera e profunda compaixão por ele, e Schacht tem algo que de fato desperta compaixão, mesmo quando não fala de coisas tristes. Se existe uma insatisfação refinada, ou seja, um anseio por algo belo e elevado, e se essa insatisfação habita algum ser humano, então foi em Schacht que ela se instalou. Ele tem alma. Talvez seja possuidor de uma natureza artística, quem é que sabe? O fato é que me confidenciou estar doente e, como se trata

de enfermidade não muito respeitável, pediu segredo, enca-
recidamente; dei-lhe, é claro, minha palavra de honra, com o
intuito de tranquilizá-lo. Depois, pedi a ele que me mostrasse
onde estava doente, o que o deixou um tanto bravo e o fez
virar-se para a parede. “Você não tem um pingo de vergonha”,
disse. É comum ficarmos assim, deitados sem dizer palavra.
Uma ocasião, ousei tomar-lhe a mão suavemente, mas ele
a recolheu, censurando-me: “Que tolice é essa? Me solte!”.
Schacht prefere a minha companhia; isso não é coisa que eu
perceba claramente, mas nesses assuntos nem é necessário
ter clareza. Eu gosto muitíssimo dele e o vejo como alguém
que enriquece minha vida. É claro que isso nunca lhe digo.
Conversamos tolices e, muitas vezes, assuntos sérios também,
mas evitamos palavras solenes. Belas palavras são assaz en-
tediantes. Bem, baseado nesses meus encontros com Schacht
em meu quarto, sou levado a observar que nós, pupilos do
Instituto Benjamenta, estamos fadados a um estranho ócio
que não raro se estende por metade do dia. Estamos sempre
acorados, sentados, de pé ou deitados em alguma parte. Para
nosso divertimento, Schacht e eu com frequência acendemos
velas, o que é terminantemente proibido. E é por isso mesmo
que nos diverte fazê-lo. Regulamento ou não, o fato é que
velas a arder são tão bonitas, tão misteriosas. E que aspecto
adquire o semblante de meu colega, quando a flâmula aver-
melhada lhe ilumina delicadamente o rosto. Velas acesas me
fazem sentir um homem rico: no momento seguinte, sempre
chega o criado e me estende o casaco de peles. É um absurdo,
mas esse absurdo tem uma boca bonita e sorri. Na realidade,
o semblante de Schacht tem traços grosseiros, mas a palidez
que se espraia por seu rosto os torna mais refinados. O nariz
é grande demais, assim como as orelhas; a boca, apertada. Às
vezes, quando o vejo dessa maneira, o que me parece é que,

um dia, ele vai acabar se dando muito mal. Como eu adoro pessoas assim, que despertam impressão melancólica. Será isso amor fraterno? Sim, pode ser.

No meu primeiro dia, melindrei-me em excesso, comportei-me como um filhinho de mamãe. Mostraram-me o quarto onde eu haveria de dormir na companhia de outros — isto é, com Kraus, Schacht e Schilinski, como o quarto membro da turma, por assim dizer. Estavam todos presentes: os colegas, o senhor diretor, que me observava com um olhar raivoso, a senhorita. Foi quando simplesmente me atirei aos pés da moça, exclamando: “Não, dormir neste quarto é impossível para mim! Não posso respirar. Prefiro passar a noite na rua!”. Eu falava abraçado com firmeza às pernas da jovem dama. Parecendo aborrecida, ela ordenou que me levantasse. Respondi: “Daqui não me levanto até que a senhorita prometa destinar-me um quarto digno, onde eu possa dormir. Eu lhe peço, senhorita, suplico: ponha-me em outro lugar. Por mim, pode até ser num buraco, mas aqui, não. Aqui, não posso viver. Não é meu desejo ofender os colegas e, se já o fiz, me perdoem, mas ser o quarto onde já há três, e ainda por cima num cômodo tão apertado? Não posso. Por favor, senhorita...”. Ela já principiava a sorrir, percebi-o, e, por isso, acrescentei a toda a pressa, aninhando-me a ela com força ainda maior: “Quero ser um bom menino, eu juro. Vou me antecipar a todas as ordens da senhorita, que nunca, jamais, haverá de se queixar do meu comportamento”. A srta. Benjamenta perguntou: “Tem certeza? Jamais terei motivo para queixas?”. “Não terá, senhorita, com certeza não”, assegurei-lhe. Ela trocou um olhar significativo com o irmão, o senhor diretor, e, voltando-se para mim, disse: “Antes de mais nada, levante-se do chão, ora! Quanta